

ESCOLA, HISTÓRIAS E NOVAS POSSIBILIDADES DE SER, À LUZ DA IDENTIDADE NARRATIVA DE PAUL RICŒUR

*School, Stories and New Possibilities of Being,
in Light of Paul Ricœur's narrative Identity*

Fabiana Moreira Venas (UFBA)¹

RESUMO: As experiências proporcionadas pela escola, no entrelace dos sujeitos que nela habitam, com suas distintas histórias, ajudam a moldar a identidade do jovem. O presente artigo tem como objetivo relacionar a teoria da identidade narrativa do filósofo Paul Ricœur, segundo a qual a identidade se constrói de forma imbricada ao enredo da história, com a formação da identidade do jovem no espaço escolar. Assim, reflete-se sobre as contribuições da escola para a formação do jovem nas suas diversas dimensões e para sua compreensão de si enquanto sujeito que se relaciona com o outro, consigo mesmo e com o mundo, produzindo significado para as experiências educativas que lhe são proporcionadas.

Palavras-chave: identidade narrativa, Paul Ricœur, escola, histórias, estudantes

ABSTRACT: The experiences provided by the school, in the intertwining of the individuals who inhabit it, with their distinct histories, help to shape the identity of young people. This article aims to relate the theory of narrative identity of the philosopher Paul Ricœur, according to which identity is constructed in an intertwined way with the plot of the story, to the formation of the young person's identity in the school environment. Thus,

¹ Doutoranda em Educação na Faculdade de Educação- Universidade Federal da Bahia, integrante do grupo de pesquisa TEIAS, Salvador, Bahia, Brasil.

it reflects on the contributions of the school to the formation of young people in their various dimensions and to their understanding of themselves as subjects who relate to others, to themselves, and to the world, producing meaning for the educational experiences they are provided with..

Keywords: narrative identity, Paul Ricœur, school, stories, students

INTRODUÇÃO

É sabido que o estudante passa boa parte de seu tempo na escola e nela se tece uma rede de relações com o outro, com os saberes e com inúmeras histórias que se entrecruzam e produzem diversos sentidos, os quais trazem implicações importantes para sua compreensão de si e da realidade que o cerca. É também no ambiente escolar, que os estudantes passam a ter suas primeiras experiências fora do círculo familiar, e que por meio delas, podem obter uma espécie de “prévia” do mundo em que irão agir e quiçá ajudar a transformar.

Nas diversas experiências educativas proporcionadas pela escola, o jovem começa a dar os primeiros passos na direção da sua emancipação enquanto pessoa e cidadão. Em consonância, Paul Ricœur (2014, p. 155), na obra *O Si Mesmo Como Outro*, na qual detalha a sua teoria acerca da identidade narrativa, vem nos mostrar que a pessoa não é um ser distinto de suas experiências, pelo contrário, elas integram e ajudam a compor o ser único de cada indivíduo.

Neste viés, os jovens vão se formando nas vivências diárias proporcionadas pela escola, a qual pode ser compreendida como um espaço carregado de simbologias e sentidos, onde sujeitos se encontram e compartilham histórias, culturas, sentimentos e saberes diversos. Ela se apresenta para o educando como uma prévia do mundo, em que breve o estudante irá desbravar e imprimir nele a sua marca, de acordo com as experiências que teve acesso na linearidade e nos reveses do enredo da sua história.

Nesse sentido, ao contarmos a nossa história, vamos organizando os diversos elementos e fatos que a compõem, em uma sequência temporal que obedece à estrutura de uma narrativa, de modo a possibilitar que possamos fazer a leitura dessa história. Dessa maneira, nossa identidade vai se construindo de forma correlata ao enredo da nossa vida e, portanto, de acordo com as vivências que temos e com as pessoas e símbolos culturais com os quais interagimos. (VENAS, 2023, p. 36)

Em sua teoria da identidade narrativa, Paul Ricœur vem nos mostrar que a identidade se constrói de forma correlata ao enredo, nas respostas individuais que os sujeitos dão a história que lhe é única e vai de certo modo, ajudando a moldar quem ele é. Assim, o sujeito vai se formando, em suas variadas dimensões (pessoal, profissional, cidadã...) no avançar da sua história, a qual pode apresentar, muitas vezes situações inusitadas e até mesmo traumatizantes, o que pode causar uma fissura na linearidade da narrativa, com implicações para sua identidade, de modo, que o sujeito possa até não mais se reconhecer nela (Ricœur, 2016, p. 279).

Paul Ricœur (2014, p.146), ao discorrer sobre o enredo, apresenta a distinção entre fatos concordantes e discordantes, sendo que os primeiros dizem respeito aos fatos que ocorrem em consonância com o desenrolar da nossa história e os últimos dizem respeito aos incidente ou fatos inesperados que podem porventura nos desestabilizar. Assim, a nossa história, cuja estrutura se assemelha à estrutura de uma narrativa, busca uma concordância mesmo em meio a fatos discordantes e precisa fazer sentido para que possamos nos reconhecer nela. Neste contexto, “a identidade pessoal é formada pela narrativa através da concordância-discordante, em que a identidade pessoal é essa perpétua re-configuração, essa constante aplicação reflexiva das múltiplas histórias verídicas narradas a si e sobre si própria” (FERNANDES, 2008, p. 81).

No dia a dia de uma escola, nos deparamos com inúmeros sujeitos fadados por sofrimentos e eventos adversos que irrompem suas narrativas

de vida e a escola também precisa ser um espaço de acolhida para estes sujeitos que podem precisar reelaborar a sua história e continuá-la. Neste sentido, o espaço escolar pode também colaborar com a reconstrução de si, no qual o sujeito precisa ser acolhido em sua singularidade e sentir-se confortável para falar sobre sua vida, seu passado e frustrações, ao passo que se abre a novas possibilidades de futuro.

Deste modo, a escola se apresenta como um espaço de sujeitos que buscam configurar e se reconhecer nas histórias que contam para si, além de poderem se projetar nas histórias de outrem. Na escola, objetiva-se um avançar no campo dos saberes, mas também há o reconhecer-se, o compreender-se e exercitar-se enquanto pessoa que aprende, que sente e que atua de modo consignado a singularidade da sua narrativa de vida. Assim, em cada problema a ser resolvido ou atividade proposta ao educando, de forma individual ou em grupo, ele responde de forma única, mobilizando uma rede de saberes impressas nas diversas experiências que teve ao longo da vida, pois o jovem que chega na escola, já traz uma bagagem que precisa ser enriquecida, mas que também pode enriquecer o espaço que passa a habitar.

São essas experiências, entre outras, que constituem os alunos como indivíduos concretos, expressões de um gênero, raça, lugar e papéis sociais, de escalas de valores, de padrões de normalidade. É um processo dinâmico, criativo, ininterrupto, em que os indivíduos vão lançando mão de um conjunto de símbolos, reelaborando-os a partir das suas interações e opções cotidianas. Dessa forma, esses jovens que chegam à escola são o resultado de um processo educativo amplo, que ocorre no cotidiano das relações sociais, quando os sujeitos fazem-se [sic] uns aos outros, com os elementos culturais a que têm acesso, num diálogo constante com os elementos e com as estruturas sociais onde se inserem e a suas contradições (DAYRELL, 1996, p. 07)

A escola não pode portanto desconsiderar estas experiências formativas obtidas pelos jovens em espaços diversos e que também contribuem para

sua formação. Ela precisa ser esse espaço democrático de compartilhamento de saberes obtidos nos mais diferentes locais e é justamente essa permuta de experiências que pode enriquecer o ser único de cada sujeito que habita o espaço, não somente os estudantes, como também os adultos que integram a escola, pois nela todos aprendem e todos crescem, na medida em que se abrem e se dispõem a interagir e aprender com o outro.

A IDENTIDADE NARRATIVA COM SUAS PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS

Em sua autobiografia intelectual, Paul Ricœur enfatiza a importância da educação em sua história pessoal, bem como para atribuição de sentido à sua vida, já que decidiu bem jovem dedicá-la ao estudo de filosofia (Ricœur, 2007.p.15). O filósofo nos mostra em sua autobiografia, marcada por uma série de eventos adversos como a morte de seu pai e sua prisão na Segunda Guerra mundial, o quanto as experiências com a educação foram importantes para o desenrolar da sua história e também para a sua constituição enquanto pessoa.

Neste enredo, que reúne elementos diversos, com destaque para o que vamos elegendo como prioridade, vai se constituindo a nossa identidade, que é portanto narrativa. Podemos então dizer, que a educação foi o fio condutor da vida de Paul Ricœur, já que se ocupou da mesma, sempre com muito empenho e esmero, desde a juventude até os seus últimos dias de vida, quando ainda nos brindou com escritos que foram reunidos a posteriori no livro intitulado *Vivo até a morte*².

A identidade narrativa, de acordo com Paul Ricœur se apresenta sob dois pólos: o da mesmidade e o da ipseidade, sendo que na mesmidade estão as nossas características que se mantém, ao passo que o pólo da

² O livro *Vivo até a morte* foi escrito por Catherine Goldstein, uma amiga de Ricœur que o acompanhou em seus últimos dias de vida e reuniu seus escritos em um posfácio.

ipseidade, compreende as mudanças que sofremos ao longo da vida, nas respostas que damos ao enredo que nos molda.

A identidade de uma pessoa é formada a partir de uma história de vida que sofre mudanças constantemente. Então, surge o conceito de ipseidade. Mas, ao mesmo tempo que sofre mudanças, a mesmidade é responsável por aquilo que permanece na identidade ao longo do tempo, o que fica concretizado e nos identifica sendo como tais. Portanto, a identidade narrativa é a soma da mesmidade e a ipseidade, o jogo entre mudanças e permanência do caráter em determinado sujeito. (PAGNUSSAT, 2018, p.49)

Ricœur (2014, p. 121) define o caráter, como sendo “um conjunto de disposições duráveis”, ou seja, características que nos acompanham por um grande período de tempo, ou mesmo durante toda a vida e pelas quais torna-se possível identificar um sujeito. Essas características, por vezes, se relacionam aos valores e prioridades que estabelecemos, os quais nos mantêm estáveis, mesmo em meio às intempéries da nossa existência, como por exemplo; o gosto de Paul Ricœur pelo universo intelectual, sendo este um traço característico do filósofo, pelo qual se foi possível reconhecê-lo durante a maior parte da sua existência. Desta maneira, “Ricœur compreende o caráter como esse modo de ser específico, essa «combinação de traços permanentes» de cada pessoa, tornando-a uma singularidade única e insubstituível (FERNANDES, 2000, p.105).

É notório, sobretudo, quando acompanhamos um estudante em um longo percurso da vida escolar, o quanto que ele muda, mas também o quanto se mantém no que tem de mais estável, entretanto, não é possível prever com exatidão como este aluno irá continuar respondendo as oportunidades educativas que lhe são oferecidas, de modo, que presenciemos não raro, transformações expressivas no modo como o estudante atua na escola, as quais podem ser movidas por eventos externos, ou por momentos proporcionados na própria escola.

Destarte, vemos estudantes que passam a interessar-se mais pelo mundo de possibilidades que a escola lhe apresenta, como também presenciemos o desinteresse repentino de muitos estudantes, e ainda, os que se mantêm em postura e interesse ao longo da vida escolar. É importante destacar então, que mudanças importantes na percepção de si, de mundo e na forma com que o estudante se projeta para o futuro podem ser movidas pela escola, a qual muitas vezes proporciona vivências importantes que pode lhe abrir para possibilidades nunca antes pensadas.

Ricœur (2016, p.272), no extremo, nos fala ainda da possibilidade de o sujeito deixar de contar com esse suporte da mesmidade, ou seja, com o que tem de mais estável, de modo que se torne irreconhecível, o que pode ser movido por crises ou problemas diversos. Neste contexto, ele menciona o romance “O homem sem qualidades”³, de Robert Musil, para abordar a condição em que o sujeito pode referir-se a si mesmo como um nada. De acordo com Ricœur (2016, p.272), ainda, mesmo diante de uma constatação fatídica como esta, ainda há uma identidade que a narrativa pode ajudar a desvendar.

No dia a dia das escolas, principalmente na lida com estudantes em situação de vulnerabilidade social, com vivências muitas vezes marcadas por violências, escassez de recursos e uma série de eventos traumáticos, não é incomum nos depararmos com sujeitos que fecharam a janelas das suas potencialidades e deixaram de acreditar na possibilidade de caminharem na direção de um futuro mais digno e promissor. Neste contexto, arrisco me a dizer que pode a escola ainda se apresentar como uma janela de possibilidades capaz de encorajar esses sujeitos a vislumbrar um futuro diferente e se relacionar de modo mais significativo com

³ O romance *O homem sem qualidades* de Robert Musil conta a história de Ulrich, descrito como um homem sem qualidade. Paul Ricœur utiliza-se deste romance para discutir a questão da identidade pessoal.

a escola, a qual precisa enxergá-los como *um feixe de possibilidades*, como bem define o educador mineiro Antonio Carlos Gomes da Costa.⁴

As permanências e mudanças apresentadas, pelos sujeitos que habitam a escola se relacionam diretamente com as discussões e atividades realizadas na mesma, as quais podem ser capazes de mover novos impulsos na direção de uma vida realizada e feliz. Neste contexto, faz-se necessário que a escola exercite a capacidade de enxergar nos estudantes potencialidades, ainda que escondidas, mas que podem ser despertadas a qualquer momento pela via do cruzamento com histórias e conhecimentos que estimulam novos vãos.

A ESCOLA E AS NOVAS POSSIBILIDADES DE SER

A filósofa Hanna Arendt (2016, p.158)⁵, nos fala sobre a responsabilidade de apresentar o mundo à criança e a escola ao apresentar conteúdos diversos expressos em narrativas reais e de ficção também ajuda a introduzir o estudante neste mundo que já existia antes dela, e muitas vezes, ao apresentar este mundo, desperta no estudante o fascínio por ele, podendo fazer com que o mesmo, a partir da escola comece a sonhar com rumos outros para a sua vida. Assim, o estudante é apresentado todos os dias a novas histórias e a novas ideias, se constituindo num celeiro de possibilidades para sua formação. “Educar implica, pois, transmitir às novas gerações experiências simbólicas que nos chegam dos vastos domínios do passado e que são apresentadas e ressignificadas, criando as bases para sua durabilidade e renovação no futuro” (CARVALHO, 2020, p. 06)

⁴ Antonio Carlos Gomes da Costa, em seu livro *Aventura Pedagógica: Caminhos e descaminhos de uma ação educativa* (2001), relata uma experiência pedagógica bem sucedida com meninas em situação de privação de liberdade, frisando a importância de acreditar nas potencialidades dos educando, mesmo que estas não sejam evidentes em seus atos.

⁵ No ensaio *A crise da educação*, Hanna Arendt nos fala sobre o papel da escola de introduzir a criança no mundo.

Neste universo, com ideias novas e com os mestres que muitas vezes se constituem em referências importantes, o estudante pode ir se atualizando no contexto da sua história, tanto na forma como se vê no presente quanto como deseja ver-se no futuro. Assim, podemos afirmar que a escola traz importantes contribuições para constituição de si dos estudantes, à medida que nela, o jovem é provocado a todo momento, ou pelo menos deveria ser, a repensar a sua vida, a partir de novos conhecimentos que ampliam a sua compreensão de si e do mundo que o cerca.

Como se comprova pela análise literária da autobiografia, a história de uma vida não cessa de ser refigurada por todas as histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta sobre si mesmo. Essa refiguração faz da própria vida um tecido de histórias narradas (RICŒUR, 2010b, p. 419).

Podemos dizer então, que o sujeito se compreende melhor por meio da narrativa, ou seja; ao contar sua história para outrem, ele vai se desvendando para si e para o outro. Nesta seara, não podemos deixar de mencionar as narrativas de ficção, as quais segundo Ricœur (2014, p.176), também participam da constituição de si do sujeito ao ponto de ser capaz de movê-lo em outras direções. O filósofo nos fala então do encontro do sujeito com o texto, em que o mesmo se transporta para outros enredos e ao voltar a si já não é mais o mesmo, bem como pode não ser a mesma, a forma de encarar o mundo e responder aos desafios que lhe são apresentados. O filósofo nos mostra então que há uma relação única que se estabelece entre um leitor e a obra, de modo que cada pessoa imprime na obra lida a singularidade expressa em sua história.

Dessa forma, há um momento em que o leitor sai de si e de seu mundo e emigra para o mundo do texto. Nisso, ele se “irrealiza” para habitar o lugar irreal do texto. Em outro momento, passa a incorporar os ensinamentos do texto a seu mundo, aumentando assim a legibilidade

prévia deste. Dessa forma, o texto é, num momento, um lugar de permanência e, em outro momento, um local de passagem, isto é, ele é atravessado pelo leitor que está voltando para o mundo real. Numa leitura ideal, esses momentos de êxtase e da remissão se alternam, formando uma unidade frágil e dinâmica (ALMEIDA, 2023, p. 09).

Conclui-se então que a escola, ao colocar o estudante em contato com narrativas diversas colabora com a ampliação do repertório cultural e imagético do estudante, apresentando-lhes novas possibilidades de ser e agir no mundo. Assim, em cada prática de leitura proposta ao estudante, são atribuídas a elas sentidos diversos, bem como reflexões inimagináveis que vão ao encontro do ser único de cada sujeito com suas vivências, sofrimentos e objetivos pessoais. Faz-se mister, que a escola encoraje esse relação viva dos estudantes com os textos trabalhados, de modo que possam questionar, deixar-se afetar, relacioná-los às suas vivências e quiçá transformar-se a partir da experiência com as histórias que passam a ser também suas, a medida que se envolvem com a obra e produzem significados únicos às mesmas.

Consequentemente, a compreensão de si pela via narrativa e em relação a ela não há outras, é um excelente exemplo da interseção dos dois modelos narrativos: o modo histórico e o modo ficcional. É na compreensão de si mesmos que eles se reúnem. E ademais, por que nos interessamos pelas histórias? Para compreender melhor as diferentes dimensões culturais e espirituais do ser humano. Se nada de humano me é estranho. São possibilidades de mim mesmo que exploro por meio da história. Nesse sentido, a história e a ficção cooperam para a compreensão de si (RICŒUR, 2010, p. 214)

Neste universo de histórias reais e fictícias que nos são apresentadas pela escola, faz-se crucial que o estudante conheça a história que vem antes dele, as bases para a formação do pensamento na atualidade, bem como os caminhos percorridos por pessoas que lhes precederam e que

travaram lutas por melhorias e condições de vida mais dignas para todos. É salutar conhecer a cultura de povos diversos, de modo que ele possa fazer a própria leitura da história que lhe antecede podendo confrontá-la ou mesmo ressignificá-la. “O legado que recebemos de nossos antecessores não é imutável, mas, dependendo da maneira como nos apropriamos dele, pode se transformar” (ALMEIDA, 2023, p. 03)

A escola assume então o papel de situar o estudante em uma história que começou bem antes da sua existência, mas que ainda reverbera em sua realidade. Neste compasso, auxilia o estudante a se entender no mundo em uma história que une o passado até então desconhecido a um presente que se prepara para dar a sua contribuição na direção de um mundo melhor. Os estudantes têm então a oportunidade de fazer a sua própria leitura do legado que o ampara e de onde parte para dar continuidade a sua história. Assim, estimula-se o estudante ao duplo movimento de olhar para trás e seguir em frente, de se reconhecer nas histórias que lhes são contadas, de modo a lhes conferir uma clareza para sua própria história e para o entendimento do mundo que o cerca.

Em Tempo e Narrativa, vol. III, Paul Ricœur (2010, p. 387) discorre sobre a importância da tradição como suporte para que o sujeito possa se situar e se compreender no mundo, mas também como base para que ele possa agir de forma nova no mundo e quiçá ajudar a transformar realidades. “É o propósito de ‘fazer a história’ que pede o passo atrás do futuro para o passado” (RICŒUR, 2010b, p. 368). É necessário então oportunizar ao estudante contar com o suporte da tradição, fazendo com que ele compreenda que sua história começou muito antes e se entrelaça a muitas outras histórias e lutas diversas, que ele entenda como gerações que vieram antes de nós lutaram por direitos dos quais desfrutamos hoje e como precisamos dar continuidade a essas lutas, deixando também um mundo melhor para as próximas gerações.

A relação enriquecedora e, ao mesmo tempo, problemática com o legado faz com que a atividade educativa, embora abranja também

informações e técnicas, não se reduza a estes elementos, mas busque envolver e engajar os mais novos na “leitura” de uma herança que requer ser interpretada e transformada (ALMEIDA, 2023, p. 02).

Essa história que precede o estudante é necessária para que ele entenda o mundo e seu percurso, como também para que ele se situe neste mundo na singularidade da sua história e da sua identidade que se constrói ancorada em uma história muito maior, o que corrobora para uma melhor compreensão de si. Ora, esta aventura rumo ao conhecimento no ambiente escolar é direcionada por uma figura importante que também participa, ao meu ver, dessa constituição de si dos estudantes, o professor.

A FIGURA DO PROFESSOR E SUAS INFLUÊNCIAS PARA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE

Paul Ricœur (2014, p. 39), na sua obra *O Si Mesmo como Outro*, vem nos falar da identificação com o outro e das características deste que podem se incorporar ao caráter. O caráter e a promessa seriam então, duas formas de permanecer no tempo, sendo que o primeiro, conforme fora dito, se refere ao que temos de mais duradouro, ao passo que o segundo, tem a ver com o compromisso que assumimos conosco e com o outro, apesar das mudanças que sofremos ao longo do tempo.

No quinto estudo do referido livro, Paul Ricœur trata dessa forma específica de permanecer no tempo que se refere à identidade ipse, ou seja, do *si*; que se inscreve no *quem* somos. Trata-se da “fidelidade à palavra dada” em que o sujeito deixa de contar com o suporte da mesmidade, para se apoiar em um “quem” que mantém-se fiel à palavra empenhada, ainda que existam mudanças profundas que alcancem à sua identidade idem (Ricœur, 2014, p. 124). Seria a capacidade de se manter fiel aos compromissos feitos com o outro, ainda que o enredo da nossa história nos leve para caminhos ou compreensões diferentes das do momento em que a

promessa foi feita, como em um matrimônio em que ambos prometem ser fiéis até a morte, independentemente dos eventos inesperados que possam ocorrer ao longo da história, ou mesmo das transformações que possam ocorrer na forma dos cônjuges se relacionarem entre si e com o mundo em que habitam.

Neste contexto, o sujeito pode chegar ao ponto de não mais se reconhecer ou perceber relevância na promessa feita, mas em respeito ao compromisso feito, ele realiza o que foi acordado, permanecendo assim fiel, apesar das mudanças provocadas no passar do tempo e no entrelace com o enredo. Ora, neste ponto é importante também dizer que o próprio caráter, por sua vez, apesar de mais estável, é também passível de mudanças, sendo que novos hábitos ao se tornarem rotineiros podem ser incorporados ao mesmo, fazendo com que mudanças profundas no modo de ser ou encarar o mundo podem ocorrer com o sujeito, a partir de novas experiências ou contato com ideias novas, o que pode ser motivado pela escola.

Aqui cabe lembrar os conceitos de inovação e sedimentação de Paul Ricœur, sendo que o primeiro se refere a aquisição de novos hábitos por parte do sujeito e o segundo se refere a incorporação destes, ou seja quando estes hábitos passam a fazer parte do dia a dia e do existir do sujeito, de modo que ele passe a ser reconhecido por meio deles.

Essa noção de hábito, de acordo com Ricœur (2014), também se vincula à noção de identificação adquirida, a qual ocorre a partir do contato com outra pessoa com a qual nos identificamos (que pode ser real ou fictícia), e acabamos por adotar, para a nossa vida, características dela. Uma parte da nossa identidade é composta por essas identificações, pelas quais o outro passa a fazer parte da nossa constituição. (VENAS, 2023, p. 39)

Se situarmos a instituição escola, neste ponto, podemos dizer que a mesma, ao apresentar novos saberes e práticas aos educandos, em sua grande parte pela via do professor, pode influenciar na incorporação de

hábitos que antes o estudante não possuía, o estimulando a rever velhos costumes em detrimento de outros que possam trazer benefícios ao seu crescimento pessoal ou profissional.

Um exemplo disso, seria o incentivo dos mestres aos cuidados com a saúde, a prática de esportes ou ao hábito da leitura. Não é incomum vermos estudantes tentando melhorar a sua alimentação ou incorporar o hábito da leitura e da prática de esportes, a partir de atividades ou projetos desenvolvidos na escola. Assim, a escola pode dar a sua contribuição na formação do caráter do estudante, bem como incentivá-lo a persistir nas promessas que faz a si mesmo na busca por seus objetivos.

Opondo assim identidade-ipse à identidade-idem; pode-se ampliá-la, para além do exemplo paradigmático da promessa, àquela maneira que a vida tem de dar sequência a si mesma e que possibilita tanto a memória quanto o projeto (RICŒUR, 2016, p. 282).

A promessa, que se relaciona à manutenção de um si que decide permanecer fiel a um projeto ou mesmo um compromisso com alguém ou consigo mesmo, também é por vezes atravessada pela instituição escola, já que a mesma pode ser um espaço de exercício de tomada de decisão, que a depender do objetivo elencado pode exigir constância e empenho por uma grande fração de tempo. Assim, a escola pode funcionar como um estímulo a manutenção de um si que se auto avalia e se projeta para um futuro pela via dos sonhos que eleger para sua vida.

Não obstante, a relação entre estudante e professor é marcada por uma profunda admiração, na qual o mestre pode passar a ser um “espelho” no qual os estudantes refletem uma projeção de si, algo do tipo como o “que querem ser” no futuro. Ricœur vem nos mostrar, neste sentido, que relações significativas podem nos levar a incorporar do outro, sendo ele real ou fictício, o que consideramos digno de ser replicado, já que “a identidade pessoal é continuamente reconstruída a partir da referência

ao outro, ao diferente de si, ao conjunto de narrativas a que o leitor acede por meio da leitura” (FERNANDES, 2008, p. 77).

Assim, podemos vermos estudantes passarem a ser mais pacientes ou mesmo mais dedicados por influência de um determinado professor ou professora. Estes, são figuras que podem permanecer por toda uma vida na memória de um estudante que o tem como referência de ser humano e profissional, alguém que o estimula a ir além de si mesmo, movendo uma transformação na direção do que ele considera digno e bom para sua existência. Assim, aquele que dedica horas no ensino da matéria pode influenciar e transmitir ensinamentos que vão muito além dela, na forma de se relacionar com o educando no dia a dia, de propor atividades e de conduzir a turma na aventura do conhecimento.

Nesse sentido, o professor seria, então, o outro que possibilita ao estudante conhecer melhor o mundo que habita e lhe apresenta não só elementos da cultura e das ciências, como também novas possibilidades de ser, por meio do ensino e exemplo. Somos seres acessíveis aos preceitos, instruções e recomendações que nos auxiliam a aperfeiçoar nossas ações no mundo. (VENAS, 2023, p.92)

Portanto, somos desde a tenra idade, receptivos ao aprendizado por meio de instruções e ensinamentos, o que facilita essa identificação com a figura do professor, o qual tem a missão primordial de nos instruir não apenas no que se refere aos conteúdos escolares, mas também na maneira de ser com o outro e com o mundo. Neste ponto, assinalamos que na relação entre estudante e professor, pode ocorrer uma identificação parecida com a que pode ocorrer com a criança e o universo dos heróis, em que características do herói podem provocar tanta admiração, de modo a levar a criança a querer desenvolver características do ser admirado. Por meio dessa identificação, o outro, ainda que fictício, pode então fazer parte da constituição de si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola, além de ser espaço que propõe uma expansão do si mesmo, ao apresentar novas possibilidades ao educando, se relaciona diretamente com a ipseidade e mesmidade do estudante, podendo promover uma transformação ou crescimento deste enquanto pessoa e cidadão, estimulando a auto análise, a busca por novos conhecimentos, hábitos ou propósitos de vida. Estamos falando de uma escola que se compromete com a educação integral do educando, que deve ser visto e considerado em suas diversas dimensões, bem como social, psicológica, cognitiva e afetiva.

Desta maneira, a escola assume o compromisso com a ampliação do repertório cultural do estudante, e ao apresentar-lhe novos conhecimentos ou experiências, que podem ser até eleitos pelos estudantes como algo central em suas vidas, pode contribuir para a sua compreensão de si e do mundo que o cerca. A escola pode então, se relacionar com o mundo do educando de uma forma geral, ultrapassando assim os seus muros físicos e as fronteiras do tempo, de modo que eles podem carregar as experiências da escola e tudo o que mais for significativo nela, bem como as relações interpessoais e os aprendizados que proporciona, ao longo de toda uma história de vida.

Assim, a escola participa da formação do caráter do educando, à medida que pode fazer com que ele incorpore à sua vida, hábitos ou atitudes desenvolvidas no espaço escolar, bem como pode auxiliá-lo a manter-se fiel ao que elege como prioridade para a sua vida, bem como aos seus valores e projetos. Essa construção e elaboração de si também perpassa pelas histórias reais ou fictícias compartilhadas na escola e pela relação com o outro e suas influências.

Deste modo, o sujeito também se forma na relação com o outro que habita a escola, não apenas na figura do professor, mas também dos personagens fictícios, colegas, gestão e demais profissionais com os quais podem estabelecer relações significativas que podem implicar na forma como o estudante se relaciona consigo mesmo, com o mundo e na maneira

como age no mundo. Neste universo, as atividades escolares podem provocar a todo momento reflexões importantes para a elaboração de si dos estudantes, movendo-o em direção a transformações importantes que dizem respeito ao seu crescimento enquanto pessoas e cidadãos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Vanessa Sievers de. *Uma herança a ser lida: Reflexões a partir de Hannah Arendt e Paul Ricœur*. Educação e Pesquisa, v. 49, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349264315>
- ARENDRT, Hannah. Entre o passado e o futuro. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. *Um sentido para a experiência escolar em tempo de pandemia*. Educação e Realidade. V. 45, n. 4, 2020. Doi: <https://doi.org/10.1590/2175-6236109144>.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *Aventura Pedagógica: Caminhos e Descaminhos de uma Ação Educativa*. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.
- DAYRELL, Juarez Tarcisio. A escola como espaço sociocultural, In: DAYRELL, Juarez Tarcisio. (org): *Múltiplos olhares: Sobre educação e cultura*. Belo Horizonte, UFMG, 1996.
- FERNANDES, Sara. “Da Ética à Religião”. *Philosophica: International Journal for the History of Philosophy*, Vol. 08. Lisboa, 2000.
- FERNANDES, Sara. *Identidade narrativa e Identidade Pessoal: uma abordagem da filosofia de Paul Ricœur*. Lisboa: Philosophica, 2008.
- GOLDSTEIN, Catherine. Posfácio. In: RICŒUR, Paul. *Vivo até a morte: seguido de fragmentos*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2022.
- RICŒUR, Paul. A narrativa: seu lugar na psicanálise. In: RICŒUR, Paul *et al.* *Escritos e conferências 1: em torno da psicanálise*. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2010a.

- RICŒUR, Paul. Autobiografia Intelectual, Buenos Aires, Nueva visión, 2007. RICŒUR, Paul. *Escrito e conferências 3: antropologia filosófica*, São Paulo: Edições Loyola, 2016.
- RICŒUR, Paul. La souffrance n'est pas la douleur. In: MARIN, Claire; ZACCAÏREYNERS, Nathalie (orgs.). *Souffrance et douleur: autour de Paul Ricœur*. Paris : Presses Universitaires de France, 2021.
- RICŒUR, Paul. *O si mesmo como o outro*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- RICŒUR, Paul. *Tempo e narrativa, Vol. 03*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b.
- PAGNUSSAT, Janessa. *O si-mesmo e os outros: um estudo sobre a teoria da identidade narrativa em Paul Ricœur, sua dimensão ética e seus desdobramentos para os Estudos Culturais*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas — PPGICH - Erechim, RS, 2018.
- VENAS, Fabiana Moreira. *Projeto de vida na escola: compreensão de si e projeção de novas narrativas*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2024.